

ANIMATÓGRAFO

DIRECTOR - ANTÓNIO LOPES RIBEIRO
Nº 9 ● 1$50



SIEGTRIED ARNO NUM FILME PORTUGUES

Causou justíssima sensação a notícia de que o célebre actor-cómico alemão Siegfried Arno interpreta um dos principais papéis da primeira produção do Bloco H. da Costa, cujo título já pode ser anunciado: «Gado Bravo». Arno desempenha o papel dum artista de «music-hall», parceiro de Olly Gebauer, que os azares duma «tournée» levam ao Ribatejo. Adivinha-se a série de movimentadas peripécias em que o nosso homem (que, entre parêntesis, está entusiasmado com a sua viagem a Portugal) se vê envolvido, e em que os toiros intervêm largamente...

Na capa: DANIELLE PAROLA.



FOTOGENIA

ao meu amigo António Lopes Ribeiro

Vamos repetir a cêna
Do pormenor que é preciso
Pôr mais a nú...
— Quero dar-lhe outro valôr,
Tôda a lúbrica riqueza
Dessa inflexão arrastada...
— Grita nervoso e aquecido
O jovem realizador.

Outra vez aquêle gesto,
Aquêle olhar —
E o sorriso não chegou a ser ainda
O verdadeiro sorriso
Que é preciso iluminar.

Sofra!, — mas não, não é isso;
Mais tortura no sentir,
Mais alma! — Assim...
Agora, — queira sorrir...

Basta. Ponham a andar os motôres.
Ainda só uma vez
Ao final dúbio do filme,
Áquela gentil passagem
Movimentada e viril
Do cavaleiro e do pagem!

E os corpos —
Já mesclados de cansaço,
Voltam a erguer-se...
E a luz tomba —
Imponderável!,
Sinistra de brancura que magôa
— Tôrvo zumbido nas fontes,
E dando a febril cintilação
Dum incêndio etério e imenso
Á mercê da sensação...

Mais uma vez — duas vezes,
Concretizem!,
Vamos, mais rasgadamente!,
—Esse beijo não deu nada,
Quero outro fôgo, outra vida,
Outro agarrar!,
— Bolas!, que esta gente está cansada.

E o jovem realizador
Fixando alucinado e consciente
Mas dominado —
Pela visão
Do seu sonho ainda errante,
Pede ás almas
Que subam á perfeição
E fiquem nela um instante.

ANTÓNIO BOTTO

HARRY LANGDON



Mieux est de ris que de larmes escrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme

RABELAIS

Os cómicos são os aristocratas do ecran. Muita gente pode não saber de cór os nomes dum trágico de talento, como Georges Bancroft, duma grande actriz, como Mary Dressler ou Helen Hayes, duma *flapper* insinuante como Nancy Carroll. Mas sabe certamente dizer: Charlot, Pamplinas e Harold.

Esta trindade superior dos príncipes do riso dispõe duma côrte variegada e brilhante, composta de bobos-fidalgos cuja missão na tela é fazer rir — a mais nobre e a mais ingrata das missões. Mas o público, abrindo uma honrosa e merecida excepção para Laurel e Hardy, não se entretem a decompôr os méritos mais subtís mas não inferiores de Slim Summerville, de Eddie Cantor, dos Marx, de todos aqueles de que lhes tenho falado nesta série, procurando integrar cada um no seu papel e pôr *à la portée de tout le monde* as suas curiosas personalidades.

Vou agora falar-lhes de Harry Langdon, cómico excelente, mas que sofre do inconveniente admirável de ter criado uma silhueta diversa das demais, indo apenas buscar a cada um dos três maiores um traço, um jeito ou um processo, que o filiam na sua boa escola, sem sacrificar a sua originalidade.

Harry Langdon é, à primeira vista, um discípulo directo de Charlot. Discípulo — e não imitador. A' pouca sorte de Chaplin adicionou a impassibilidade tocante de Buster Keaton e, paradoxalmente, o desembaraço de Harold Lloyd. Com uma cara de parvo indiscutível, que êle maquilha corajosamente com o alvaiade sinistro dos palhaços (tal como Chaplin), Harry Langdon não se perturba grandemente com os coriscos que Jupiter Tonante atira sôbre êle, arranjando sempre a boa maneira de os conjurar.

Todas os seus filmes especulam com a sua pouca sorte e a sua timidez. A primeira obra de fôlego que interpretou *(The Strong Man,* que em Portugal se chamou *Atleta à fôrça)* mostrava-nos um Langdon diferente daquele que durante alguns anos víramos aparecer em farsas de dois rôlos, sempre envolvido em casos conjugais, numa bebedeira pegada, com a cama-de-casal promovida às funções de centro dramático. Era um pobre-diabo de olhos deslumbrados, duma candura infantil, fraquinho de peito, coração acessível e constante — e uma tendência manifesta para se constipar.

Não ousamos dizer que Langdon descobriu e revelou a poesia da constipação... Mas o que não há dúvida é que conseguiu exteriorizar toda a tragédia íntima que a incómoda e banalíssima doença desencadeia no cerebro e no nariz dos míseros mortais.

Num filme intitulado *Sempre a andar (Tramp, Tramp, Tramp)* vimos Harry Langdon mimar — com que prodigiosos recursos! — a cara lastimável dum homem perseguido por uma constipação. Uma coisa estenuante, *insinuante,* ranhosa e antipática. Estamos a vê-lo sentado no banco trazeiro duma diligência, a esfregar o nariz, a fungar, a distrair os espirros, de olhos pesados, pescoço atado, friccionando-se tristemente com *mentholatum!* Isto, que não é nada, é qualquer coisa de grande feito por Harry Langdon.

O encenador que melhor soube aproveitar o talento de Harry Langdon — que foi um dos melhores pupilos de Mack Sennett — chama-se Frank Capra. No *Atleta à fôrça* conseguiu *gags* espantosos. A parte dos bancos que caiem uns sôbre os outros como um castelo de cartas e o gesto desolado e impotente que êle esboça, entre cada dois passos precipitados e inúteis; a narrativa feita à cega (Chaplin: onde fôste buscar a florista das *Luzes da Cidade?...*), exuberante de gestos dispensáveis; o espectáculo de circo, com o episòdio inenarrável do canhão, — ficam na história.

Além da timidez, da ingenuidade, da candura e da constipação, Harry Langdon tem um «adeuzinho» inconfundível. Pratica-o quando se vê em transes apertados, para disfarçar, surpreendendo os antagonistas. Levanta o braço, aos solavancos, sem saber se vale a pena... Mas lá se decide. E quando chega com o braço ao fim, toca duas vezes com os dedos na palma da mão... E encolhe logo o bracinho curto, com mêdo que lhe batam.

Harry Langdon é um artista. A sua sensibilidade, o seu talento, animam os seus olhos infantis, a sua cara redonda de boneco. No tempo do silêncio dava a impressão de que, quando se lhe carregasse na barriga, só saberia dizer papá e mamã. O sonoro mostrou-nos a sua voz. E — ó pasmo! — é uma voz de homem, viril, insinuante, e ao mesmo tempo dôce e maleável... *O pai da criança* e outras películas pobres de imagens e ricas de imaginação, prolongam o nome e os seus méritos.

Como Charlot, Harry Langdon personifica o pobre. Em um e outro há uma faceta de fura-vidas que só é prejudicada pelo mêdo, em Chaplin, pela timidez, em Langdon. Porque Langdon não tem mêdo, como qualquer dos três maiores. Vimos há pouco tempo um filme em que Langdon (lembro-me agora que lhe chamavam Pancrácio!) era tomado por um valentão das dúzias, que dominava uma região do Oeste americano. A diligência em que Langdon seguia como famoso valentão, para se exibir como músico ambulante, é assaltada pelos bandidos. Só Langdon consegue seguir viagem. E, muito justamente, é tomado pelo referido valentão.

Mal chega a aldeia, em que o povo inteiro, sabedor do caso, espreita às esquinas, estaca a diligência, ergue-se na almofada e diz apenas isto: *All right!* E o povo de fugir a sete pés.

Um cobarde não aproveitaria nunca como Langdon aproveita aquele *all right* providencial, — inclusivamente no único momento em que corre o risco de se mostrar inofensivo tal qual é, cantando e dansando um banalíssimo *rag-time...*

Pobre de dinheiro, Langdon não é portanto um pobre de espírito.

E' um az, de engenho ingénuo, simplista — mas eficaz. Vagabundeia pelo mundo fóra, mas sem o ar perseguido do *schlemil,* sem ilusões, sem preconceitos de dignidade, fazendo honradamente pela vida.

E' um optimista impassível, que não mete dó, e que o ridículo não fere demasiadamente.

O pior é que a vida não é para graças. E lá vai perseguindo o Langdon fracalhão, que vegeta com serenidade e desassombro, sempre metido comsigo, a falar sózinho, torcendo os dedos e distraíndo-se com coisas pequeninas.

Harry Langdon é, em resumo uma joia de rapaz.

Vamos sempre vê-lo — e ouví-lo. Que pena o público, que ri com êle, mas não o compreende e muito menos o admira, — não ir comigo vê-lo e ouví-lo também.

BALTAZAR FERNANDES



A maneira de Langdon é inconfundível

PLANO GERAL

A CRITICA

Sendo ponto assente que o negócio de cinema depende em última análise do público pagante, do espectador despreocupado e egoista, que se limita a ir ou não ir, conforme lhe cheira e segundo as indicações ao vizinho de baixo ou dos «condiscipulos de barbeiro», — como dizia o pobre Feliciano Santos, — da sua educação sob o ponto de vista cinéfilo depende a arte cinematográfica.

Essa educação incumbe principalmente à critica, que já ocupa, na imprensa cotidiana de todo o mundo, um lugar equivalente ao ocupado pelas suas colegas literária, dramática e de belas artes. Até o austero «Temps» aumenta dia a dia o espaço parcimoniosamente destinado à critica cinematográfica, onde pontifica o grande Emile Vuillermoz.

Mas a missão da critica, corrompida por um lado pela desfaçatez da publicidade paga, lutando por outro com a escassez de especialistas, nem sempre tem sido desempenhada como devia ser.

Não nos referimos exclusivamente a Portugal, a que cabe a honra de ter sido um dos primeiros paises em que dois grandes jornais diários — o «Século» e o «Diário de Lisboa» — dedicaram à critica de cinema uma página semanal. Lá fóra como cá — más fadas há.

Até nos Estados Unidos, terra de promissão do animatógrafo, a critica não cumpre, dividindo-se, a sua delicada obrigação. Leiam comnosco estas justissimas queixas, dadas à estampa numa publicação hollywoodense:

«Nos Estados Unidos, como em tôda a parte, existem duas classes de criticos e as opiniões de cada uma delas são por vezes tão opostas, que os leitores se vêem amiúde sem saber em qual acreditar.

«Um critico elogia um filme. Para êle, a impressão foi favorável. Despertou-lhe emoções e a sua caneta regista ansiosa a reacção dos seus sentidos. O seu entusiasmo não tem limites. O outro critico, frio, implacável, despedaça com lógica, certeira os elementos da mesma produção. Para êle, a fita está cheia de êrros, augurando-lhe o mais desastroso fim.

«Porque existe tal diferença de opinião entre dois individuos cuja experiência devia habilitá-los a predizer com segurança se o filme agradará ou não à maioria do público a quem se destina?

«A diferença está no facto das personalidades dos dois criticos serem tão opostas como os polos. Um dêles senta-se a observar a nova obra com um espirito de honestidade imparcial, e os seus sentidos estão predispostos a deixar-se levar pelas reacções que a acção evocará. De que estas reacções sejam favoráveis ou desfavoráveis, só os seus sentidos de mero espectador podem guiar-lhe o parecer.

«Quanto ao outro critico, êsse começa por estar consciente da sua importância de árbitro do que é ou não é aceitável para o público. Com a cara dura como um pau senta-se a vêr o filme numa atituae de pessimismo antecipado. Para êle não existem as emoções. De sobrancelhas franzidas, vai esmiuçando passo a passo os êrros que, para êle, são imperdoáveis. O diálogo carece de originalidade; a entoação dos artistas é forçada e imprópria; o realizador não sabe o que faz; a iluminação podia ser melhor; a fotografia não é de primeira classe, etc., etc., ad infinitum. *E assim chega ao final, convencido de que a obra é ordinária e não encontrará aceitação favorável. Este critico não pensa no público para quem escreve. Pensa nos seus amigos, todos êles membros dum club de literatos, cépticos e doentes do figado, para quem as emoções naturais da gente são apenas prova de ignorância e de pirismo. Para esta classe, de criticos, as massas não sabem o que querem. Eles, os eleitos, pela qualidade e pela quantidade da sua massa encefálica, são os que hão-de guiar os gostos e as predilecções da plebe».*

Guiam-na bem, não há dúvida, Mas nem só a critica tem culpas no cartório. Vejamos o que disse há dias na Comœdia, *André-G. Block:*

«O público tem a sua parte nos responsabilidades. Ou melhor: os públicos. Porque, existe um público letrado, uma élite que se interessa pela arte e pela critica literária e dramática; o público do cinema é uma massa amorfa, composta dos elementos mais diversos, de que a maioria não é capaz de compreender as questões da arte (o que significa que não seja sensivel ao belo, ao verdadeiro). O cidadão médio, que vai ao cinema, pensa, lendo as criticas sérias — se é que as lê — que «não vale a pena ir tão longe», «o que êle vai buscar...», etc.» E, mais adiante, acusa a «grande imprensa chamada de informação» de só ligar ao cinema uma importância comercial, desinteressando-se pelo seu papel artistico.

Critica, público e imprensa são, por vezes, trindade perniciosa às coisas de cinema. Em vez de se completarem, apoiando-se, esfacelam-se com impropérios e enfraquecem-se com discrepâncias. Mas há que aceitar as coisas com fatalismo, decorando a frase definitiva de Vuillermoz:

«O público tem a imprensa que merece e a imprensa a critica de que é digna».

A. L. R.

Panorâmica

Nita Brandão

Chega hoje a Lisboa, a bordo do «Croix», Nita Brandão que será a protagonista de *Gado Bravo*, primeira produção do Bloco H. da Costa.

Nita Brandão, figura gentil e moça de mulher, é uma portuguêsa de 19 anos, nascida no Porto. Viveu durante alguns anos no Brasil e, desde 1928, em Paris.

E' filha de pais portuguêses. Seu pai, hoje retirado da actividade comercial foi um grande comerciante português do Rio de Janeiro. A sua família é muito estimada entre as colónias portuguêsas do Rio e de Paris. Um dos seus irmãos é presentemente funcionário na chancelaria do Consulado de Portugal em Paris.

Nita Brandão não vai afrontar pela primeira vez, em *Gado Bravo*, a objectiva duma «camara» cinematográfica. Já apareceu em alguns filmes da Paramount francêsa e em varios filmes da Pathé Nathan, graças ao seu purissimo francês.

«Animatógrafo» apresenta á jovem portuguêsa e a sua mãi, que a acompanha, os seus cumprimentos de boas vindas, fazendo votos para que alcance os mais brilhantes triunfos na sua carreira.

António Botto

Por um lamentável equívoco de paginação, saiu truncada a Canção que António Botto, príncipe dos poetas portuguêses dêste tempo, dedicara a Annabella, e com a qual honrava, como com duas anteriores honrou, as páginas de «Animatógrafo». Aqui a reproduzimos, desta vez intacta, em toda a sua beleza de ritmo e de forma:

Não tem razão,
— Quem afirma que a mulher
E' uma coisa complexa
De mentira e de prazer.

Se assim fôsse, — não havia
Um homem que acreditasse
Nos designios —
Imponderáveis e eternos
Do beijo pôsto na face.

— Na face ou noutro lugar,
Desde que o beijo aproxime
Os corpos sem os vexar.

E eu por mim, —
Posso dizer-vos, e é justo
Que ela seja preferida,
Porque possui o além
De dar vida á propria vida.

Negar-lhe —
Essa fatal posição,
Seria —
Como tentar esquecer-me
De ouvir o meu coração...

E aqui ficamos; — mais nada.

O que surge, depois disto,
E' variante que gira
Acompanhando a idade...
— Depende da fantazia
Da nossa sensualidade.

Ao admirável poeta, que teve a gentileza de não se zangar comnosco, como seria legítimo, continuando a dar-nos a primazia dos seus versos inéditos, e ao leitor, a quem lesámos duma semana o prazer perfeito de os lêr, apresentamos as mais porfiadas desculpas.

Uma novela

Guedes de Amorim, jornalista de pulso e novelista vigoroso, ofereceu-nos o seu último livro: *A mulhér do próximo.* Um conflito forte, doloroso, tratado com a clarividência e o abandono de quem vive a vida em que são possíveis e naturais as coisas que descreve.

As personagens de que nos narra as paixões, sendo bem portuguesas, surpreendidas flagrantemente no dia-a-dia nacional, vestem contudo segundo o figurino literário internacional, isto é: afinam com as exigências da novela contemporânea.

A linguagem é clara e ordenada, corrente de expressões, o que não exclui bem reartado estilo, rico de sonoridades.

Um último elogio: Da *Mulhér do próximo* podia fazer-se um filme interessante.

Desejamos ao nosso camarada e colaborador o êxito que a sua novela bem merece e a que as anteriores já nos habituaram.

Actualidades Mundiais

A VIDA INTIMA DE TODAS AS ESTRELAS

INFORMAÇÕES DE TODOS OS ESTÚDIOS

MARLENE DIETRICH

CHEGOU A PARIS

Marlene Dietrich é a ultima das grandes personalidades do cinema americano a visitar a Europa. Marlene, acompanhada de sua filhinha Maria, chegou há uma semana a Paris em goso de férias, tendo feito a travessia a bordo do «Europa», que quinze dias antes trouxera também Henry Garat.

Marlene, que envergava bisarramente um fato de homem, um grande sobretudo, uma boina basca e uns grandes óculos escuros, tinha a esperá-la em Cherburgo, além dos indispensáveis «reporters» e muito público, seu marido Rudolph Sieber.

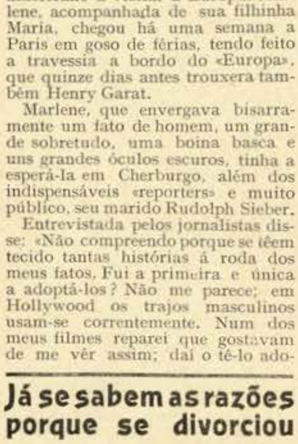
Entrevistada pelos jornalistas disse: «Não compreendo porque se têem tecido tantas histórias á roda dos meus fatos. Fui a primeira e única a adoptá-los? Não me parece; em Hollywood os trajos masculinos usam-se correntemente. Num dos meus filmes reparei que gostavam de me vêr assim; daí o tê-lo adoptado.» Sôbre os seus projectos respondeu «Férias, unicamente, tanto em Paris, onde vive meu marido, como na Côte d'Azur, e alguns dias na Alemanha, em familia . . . »

Nenhum filme em vista?

—Na Europa não. Mas em Hollywood, em Setembro ou Outubro, retomarei o meu trabalho no estúdio. Antes de partir assinei um contrato para dois filmes, cujos títulos ainda ignoro. Tendo-lhe sido preguntado se seriam dirigidos por Sternberg, Marlene respondeu: «Naturalmente».

Já se sabem as razões porque se divorciou JANET GAYNOR

Como se sabe, e nós já o dissemos num dos nossos primeiros numeros, Janet Gaynor requereu o divórcio de seu marido o advogado Lydell Peck,



que é hoje um dos dirigentes do departamento dos «scénarios» da Paramount, e com quem Janet se tinha casado há pouco mais de três anos. Soube-se agora, por terem sido reveladas no tribunal, as razões porque Janet não pode já aturar o marido. Queixa-se que Lydellera além de excessivamente ciumento, um individuo irreflectido, implicante e intolerável!

Coitada, pobre Janet; vejam a qualidade do carrasco que durante três anos atormentou a pura e dôce Janet . . .

UMA SOBRINHA DO PAPA estreia-se no cinema

Estreou-se agora em Roma um filme italiano cuja vedeta é Sandra Ravel, uma nova artista que desponta, e que é nem mais nem menos que sobrinha do Papa. O seu nome verdadeiro é Sandra Ratti. Antes de se dedicar ao cinema Sandra pediu autorisação a seu tio, Pio XI, chefe da familia Ratti, que não opôs qualquer dificuldade aos desejos da jóvem, apenas a aconselhando a mudar de nome, tendo êle próprio escolhido o pseudónimo com que deve aparecer no mundo do cinema — Sandra Ravel.

Sandra tem 20 anos e é uma loira encantadora.

Silver King, actor de quatro patas, num filme de TIM MAC COY

Tim Mc Coy o simpatico protagonista de alguns dos mais belos filmes de ar livre produzidos nos ultimos tempos de «silencioso», série que teve W. S. Van Dike, o animador de *Trader Horn* e *Tarzan* por realisador, fez há tempos o seu reingresso á téla ao mesmo tempo que a sua estreia no fonocinema.

Presentemente está interpretando para a Columbia, empresa a que pertence, o filme *Rusty Rides Alone* em que tem como *partenaire* a linda Barbara Weeks, que há pouco vimos em *Dias Felizes* ao lado de Eddie Cantor.

Nêsse filme faz a sua estreia uma nova estrela canina, Silver King, filho do famoso Dynamite que foi o *interprete* de 32 filmes para a Universal. Silver King, cuja inteligencia é segundo se diz, verdadeiramente assombrosa, é presentemente o unico dos artistas de quatro patas que com mais vantagens pode trabalhar no fonocinema, porquanto obedece apenas por sinais ou gestos.

CLARA BOW começou já a interpretar o seu novo filme

Clara Bow cujo exito invulgar alcançado em *Sangue Vermelho* foi uma prova concludente de que, apesar de todos os sucessos em que se viu envolvida, não tinha sido esquecida pelos seus fieis admiradores, que se contam quási pelo número de frequentadores do espectáculo cinematográfico, começou já interpretando o segundo filme do seu actual contrato com a «Fox».

Esse filme, cujo argumento fôra escolhido, entre muitos outros, por Clara durante a sua recente visita à Europa, intitula-se *Marie Gallant*, nêle interpretando Clara um papel muito diferente daquêles em que, até agora, tem aparecido.

R. L. Stevenson outra vez no cinema

Treasure Island, que é nos países de lingua inglesa um dos mais célebres romances de aventuras de Robert Louis Stevenson, o autor de «Dr. Jekyll and Mister Hyde», de que foi extraido o filme que entre nós se exibiu com o titulo de *O Médico e o Monstro*, vai ser levado ao cinema. E' a «Metro» que vai produzir êsse filme, que será inteiramente realizado em côres naturais, tendo a dirigi-lo W. S. Van Dyke e por intérpretes Wallace Beery e o pequeno Jackie Cooper.

Da «Ilha do Tesouro» foi feita já há uns quinze anos uma primeira versão que teve Shirley Mason, num curioso *travesti*, por intérprete e Maurice Tourneur por realizador.

Victor Mac Laglen vai interpretar um filme inglês

Mais outro que chegou a Inglaterra: Victor Mac Laglen.

Victor Mac Laglen, que tem formado com Edmund Lowe uma das mais constantes parelhas cinematográficas, vem a Inglaterra para ser o intérprete duma série de filmes para as John Stafford Produtions, o primeiro dos quais será baseado na vida de Dick Turpin, uma figura muito popular na Inglaterra. Victor Mac Laglen, embora nascido em Inglaterra, é desde há poucos meses, por se ter naturalisado, cidadão americano. O seu mais recente filme intitula-se *I'll be Hanged if Ido* e teve Conchita Montenegro por «leading-lady».

King Vidor a contas com os tribunais

Segundo determinação do juiz que julgou a acção de divórcio requerida por Eleonor Boardman contra seu marido, o enscenador King Vidor, este foi obrigado a dar-lhe uma pensão mensal de 500 dolares.



Chester Concklin, o conhecido comediante que durante muitos anos trabalhou nas comédias de Mack Sennett, o grande mestre americano do género, acaba de se divorciar de sua mulher depois de desoito anos de tranquilo matrimónio, por decisão do tribunal de Los Angeles. Chester acusava Mrs. Conklin de abandono do lar . . .

O novo filme de G. W. Pabst

G. W. Pabst, o extraordinário animadôr de quem podêmos vêr essa obra admirável que é *D. Quixote*, vai supervisar um nôvo filme que terá por realisador Marc Sorkin, um dos seus mais antigos colaboradôres. Intitula-se *Cette nuit-là* e é extraido da peça homónima do dramaturgo hungaro Pilahy. Serão seus intérpretes Madeleine Soria e Lucien Rozemberg, que a crearam no teatro da Madeleine, e no qual farão a sua estreia na téla.

Flashes

Intitula-se *She Wanted Her Man* o primeiro filme inglês que Bébe Daniels vai interpretar para a B. I. P. Para seu «partenaire» foi escolhido Victor Varconi, o conhecido actor hungaro.

■ *A Virgem de Stambul*, o célebre filme que a Universal realisou há uns 14 anos, com Priscilla Dean por protagonista e Wallace Beery e Wheeler Oakman, então seu marido, por *partenaires*, vai ser de novo refeito por aquela mesma empreza.

■ Helen Hayes e Robert Montgomery são os intérpretes do filme da Metro *Another Language*.

■ Billie Dove, que estava divorciada do enscenador Irvin Willat desde 1931, acaba de casar-se com Robert Kenaston, um rico proprietário dum «rancho» de Yuma, no Téxas.

■ Stan Laurel está realizando uma viagem de automóvel ao Canadá.

■ Vera Reynolds, a interessante artista que há tanto tempo não vemos, divorciou-se agora do actor Robert Ellis.

■ Robert Montgomery e Sylvia Sidney renovaram os contratos que tinham com a Metro e a Paramount, respectivamente.

■ Maria Alba, a leading-lady» de Douglas em *Robinson Moderno* ganhou o primeiro prémio dum concurso de penteados originais, que teve lugar recentemente em Hollywood.

■ Virginia Bruce acaba de tornar público que espera presentear, por todo o mês de Julho, seu marido John Gilbert com um bébé.

Já foram dadas as primeiras voltas de manivela para o primeiro filme do BLOCO H. DA COSTA que se intitula "GADO BRAVO"

O Bloco H. da Costa impôs-se imediatamente à atenção dos cinéfilos, como todas as coisas sérias que entram desde logo no domínio das realidades.

Oito dias depois da chegada a Lisboa de Max Nosseck, o super-visor escolhido para a primeira produção e que, segundo tudo leva a crêr, orientará superiormente as que imediatamente lhe sucederem, davam-se no Ribatejo, — mais precisamente: em Valada do Ribatejo — as primeiras voltas de manivela para o filme «Gado Bravo».

«Gado Bravo» é o título escolhido para ês:e primeiro filme.

«Gado Bravo» será um hino visual erguido em louvor da terra portuguesa, personificada por uma das suas mais lindas paisagens: O Ribatejo, com a lezíria, o montado, o rio, as azinheiras, os pinheiros, os cavalos, os toiros e os campinos. Admirável motivo de cinema, que já seduziu outros realizadores, que não conseguiram contudo esgotá-lo, como desta vez se não pretende nem poderá esgotar.

E' a história dum homem que vive preso à terra, nobre e tisnado como ela, e em quem a graça duns cabelos loiros provoca uma fatal perturbação.

O primeiro dia de filmagem de «Gado Bravo» decorreu com a normalidade das coisas organizadas. Não houve enervamentos nem surprêsas.

Max Nosseck, António Lopes Ribeiro e Arthur Duarte, com a preciosa colaboração do distinto escritor e ribatejano de verdade que é o Dr. Mota Cabral, haviam previsto e preparado tudo.

Pretendia-se filmar um dos mais curiosos espectáculos da lezíria: a travessia do Tejo, a vau e a nado, duma grande manada de vacas e toiros bravos.

Manuel Luiz Vieira, José Nunes das Neves, e os dois operadores auxiliares, impressionaram alguns metros de película que vão mostrar uma coisa inédita no ecran. A poeira da estrada, erguida pelo tropél terrivel da manada, marca um curioso contraste com a «poeira do rio» que os toiros levantam ao atirar, pesadamente, os seus corpos à agua.

Qualquer ribatejano ou familiar das coisas da lezíria, sabe que é impossível, por maior que seja a perícia dos campinos, conduzir uma centena de cabeças duma para a outra margem do rio sem que algumas se tresmalhem.

Para êsse incidente inevitável contribui sempre com denôdo a «aficcion» exuberante da gente daqueles sítios.

Quando não se tresmalham — não tem graça. E é vê-los a berrar, a esbracejar, a agitar barrêtes e cintas encarnadas, para que os toiros façam exatamente aquilo que, de todo o coração, nenhum deles deseja que lhe façam: levar marrada.

Nas ruas da vila, a festa atinge o auge.

Os estabelecimentos fecham, — não com mêdo duma violenta e importuna visita, mas para que os donos e os empregados possam tomar parte na vacada. Para aquela gente qualquer dia de toiros tresmalhados — é domingo. Mas paradoxamente, é sempre um dia *útil*, que êles esmifram até ao fim.

As mulheres que não andam na rua atrás dos toiros — não andam, porque não cabem. Penduram-se nas janelas aos gritos; batendo palmas furiosas, incitando os homens e os animais.

Naquele dia célebre — nenhum dos «cineastas» almoçou. A criadita andava doida de janela para janela, afogueada, excitada, batendo as mãos e deixando cair os pratos. Quando algum operador esfomeado lhe implorava, abolindo a sua ascendência de cliente, as ervilhinhas com ovos, a rapariga olhava para êle, ria com enlêvo, e só sabia dizer: Ai a vaca, a vaca!...

O Neves, que é um valente, que já bandarilhou e pegou touros, saltou com um «Kinamo» para o meio da rua e afrontou, com garbo e proficiência, os arrancos e as manhas do animal. Deve ter conseguido um bem movimentado e pitoresco documento.

O Arthur Duarte, que andou todo o dia de calções de golf e chapéu à Mazzantini, queria por força pegar a vaca e capoteá-la com o casaco de Nosseck. Mas era preciso poupar o assistente geral, para que possa ser útil como sabe ser, noutros filmes em que não entrem toiros.

Olly Gebauer abria muito os seus olhos de austríaca, e só tinha uma palavra útil: *Wunderbahr!*

Era rialmente maravilhoso. Max Nosseck e António Ribeiro preocupavam-se mais com o seu filme do que com a festa. Mas sabiam perfeitamente que ela lhes fornecia, sem grande esfôrço de encenação, só por engenhos de montagem, um excelente material de cinema, vivo e original

Quando os campinos levaram a vaca, Valada do Ribatejo entristeceu. E o povo, contrariado, murcho, começou com moleza a faina habitual.

Na história do Bloco H. Costa, as cenas de Valada do Ribatejo, de tão pouca importância dentro do argumento, devem contudo ser assinaladas com uma pedra branca. E' o início da realização dum sonho antigo, que H. da Costa soube guardar para a melhor altura e para bem do cinema português.

B. F.



Max Nosseck, António Lopes Ribeiro, Arthur Duarte, Manuel Luís Vieira e José Nunes das Neves, durante a preparação da filmagem dum dos planos de «Gado Bravo», em Valada do Ribatejo. Ao lado do carro, Olly Gebauer.

O CASO CLARK GABLE



«Agora já posso imiscuir-me entre a multidão sem temer o perigo de me rasgarem em tiras o meu fato.

Há uns seis meses era-me impossível fazer, impunemente, a mesma proesa. Confesso que não sei bem o que de bom, ou de mau, essa mudança poderá significar para mim...», disse-me Clark.

Depois, com a rude franqueza dum tecnocrata, continuou contando-nos os altos e os baixos da sua carreira — desde o seu primeiro grande êxito em *Virtudes Modernas* até agora, a *Irmã Branca*. Ele arvóra com a maior das naturalidades em crítico de si próprio; também, com a maior facilidade e sinceridade nos diz não só quais os filmes que o elevaram à celebridade, como nos conta ainda o compasso de espera porque passou a sua carreira, revelação esta que poderia fazer còrar outro artista que não fôsse o franco e leal Clark.

A curiosa sencerimónia com que o Clark Gable *homem* critica o Clark Gable *artista* é uma das características do nosso homem

John Gilbert, nos seus tempos aureos mostrava-se a tal ponto orgulhoso da sua sombra cinematográfica, que passou na vida real a ser um homem cujo caracter e aspecto dir-se-iam moldados na mesma figura que criara na tela. Valentino também era fortemente influenciado pelo Valentino que o público tinha criado.

Clark, pelo contrário, mostra-se capaz de criticar, de julgar um trabalho do actor Clark Gable com a mesma sinceridade e desprendimento com que o faria se se tratasse de um Frederic March, dum James Cagney, ou outro qualquer artista.

O Clark Gable homem não aprovou a escolha do actor Clark Gable para principal intérprete masculino da «Irmã Branca». Ele tem a coragem de poder dizer que o artista Gable não será nunca um Ronald Colman, e tal qual sucede a quem quer que tenha visto a primeira versão silenciosa de *The White Sister* com Colman e Lilian Gish, é o próprio a perceber perfeitamente que Ronnie fez do seu papel uma verdadeira criação, e que ninguém mais poderia, nêsse personagem, ultrapassá-lo. A despeito disso nunca, como nêste filme, Gable trabalhou com tanto interêsse e ardor para conseguir uma actuação que estivesse à altura do personagem.

No momento em que lhe falei estava vestido com uma farda de aviador e tinha a cara suja de ólio e de pó, aspecto êsse na verdade pouco atraente, mas necessário à filmagem de algumas cênas de *Irmã Branca*. Confessou-me que não gostava nada de se vêr naquela figura.

«Por vezes chego a acreditar que a minha carreira tem qualquer coisa de semelhante com uma casa comercial, que tivesse a razão social de *Clark Gable, Limitada*, por exemplo. E digo isto porque a minha actividade no cinema, tal como o movimento agitado duma casa comercial, tem os seus períodos em que ao aspecto florescente numa determinada altura se segue logo outro completamente oposto, com uma incerteza e um aspecto de crise como se se tratasse de qualquer emprêsa comercial... Por isso é preciso administrá-la com muito tacto e inteligência, de forma a que depois possa vir a dar dividendo — ao público, como à companhia produtora que nela tem investido um capital de respeito...

«De facto, nos primeiros tempos, da emprêsa «Clark Gable, Limitada» não se pode dizer que aquela tivesse tido um movimento brilhante, mas, no entanto, quando lançou um produto chamado *Virtudes Modernas* o movimento animou...

Confesso que fiquei um pouco aturdido com o que se disse da minha pessôa nos três filmes que sucederam a *Virtudes Modernas*: *Os Seis Misteriosos*, *The Finger Points*, com Barthelmess, e *Night Nurse*; calcule-se qual a minha surprêsa quando, ao ler as críticas a êsses filmes reparei que todos afirmavam que eu devia ser considerado com uma autêntico «caso sensacional» !

Durante o ano que se seguiu, a emprêsa Gable manteve-se florescente.

Tenho para mim a impressão de que ela atingiu o máximo de prosperidade com *Alma Livre*, o filme de Norma Shearer, o qual se manteve em *Puro Sangue* e *Titans do Céu*. *Suzan Lennox*, com Greta Garbo, não desmanchou o conjunto. Eu estava, assim, sendo utilizado em excelentes argumentos e ao lado de três das mais célebres mulheres do cinema — Norma Shearer, Greta Garbo e, em *Pecadores Alegres*, Joan Crawford»

Foi por esta altura da sua carreira que a Clark Gable lhe era vedado aparecer em público sem que a gravata ou o laço dos sapatos não fôssem obrigados a deixá-lo para passarem às mãos de histéricos caçadores de recordações!...

Vieram depois *Polly of the Circus* com Ma-

Conclúi na página 16



A silhueta máscula de Gable é o complemento directo da beleza pujante de Joan Crawford

BEATRIZ COSTA E ANA MARIA

SERÃO AS VEDETAS DA «CANÇÃO DE LISBOA»



A C. P. F. S. depois de ter procurado afincadamente as duas principais intérpretes que lhe faltavam para a «Canção de Lisboa», acabou por encontrá-las, uma no teatro e outra na última matinée da «Imagem» realizada, como sempre, no S. Luiz Cine. São elas a conhecidissima actriz Beatriz Costa e uma jovem desconhecida, alta e loura, que deu Ana Maria como nome de guerra e que ficou agradavelmente surpreendida com a inesperada oferta que lhe fizeram.

A Beatriz Costa, que já está habituada aos seus fáceis sucessos, não se entusiasmou nem deixou de entusiasmar com a sua nova promoção a vedeta cinematográfica. «Animatógrafo» não se esqueceu de cumprimentá-la pessoalmente pela feliz escolha que fizeram da sua figurinha simpática. Encontramo-la no hotel Metropole onde está temporariamente hospedada enquanto a sua casa particular, actualmente em obras, não estiver em *forma* para a receber.



Quando preguntamos por ela no Metropole, a nossa vedeta amiga estava ainda no banho às três horas da tarde, o que não significa ter-se levantado a essa hora, exorbitante para uma artista. A Beatriz costuma levantar-se bastante cêdo para não faltar nunca à sua sessão de ginástica no Teatro Avenida. Ficámos admirados com a rapidez da sua toilette. Dez minutos depois aparecia-nos cheia de pressa dizendo que ainda não tinha almoçado. Acompanhamo-la durante o seu rápido almoço e falámos do filme, das obras da casa, do calor e da costureira para onde ela tencionava ir passar as melhores horas da sua tarde. A Beatriz falou, aflita, da fase excessivamente trabalhosa em que ia entrar com a sua participação no filme, que se via obrigada a acumular com o teatro. Deitar-se todos os dias às duas da manhã e levantar-se às sete para filmar todo o dia, não era brincadeira nenhuma. Dissemos ainda umas coisas pessoais enquanto o almoço acabava precipitadamente. Despedimo-nos.

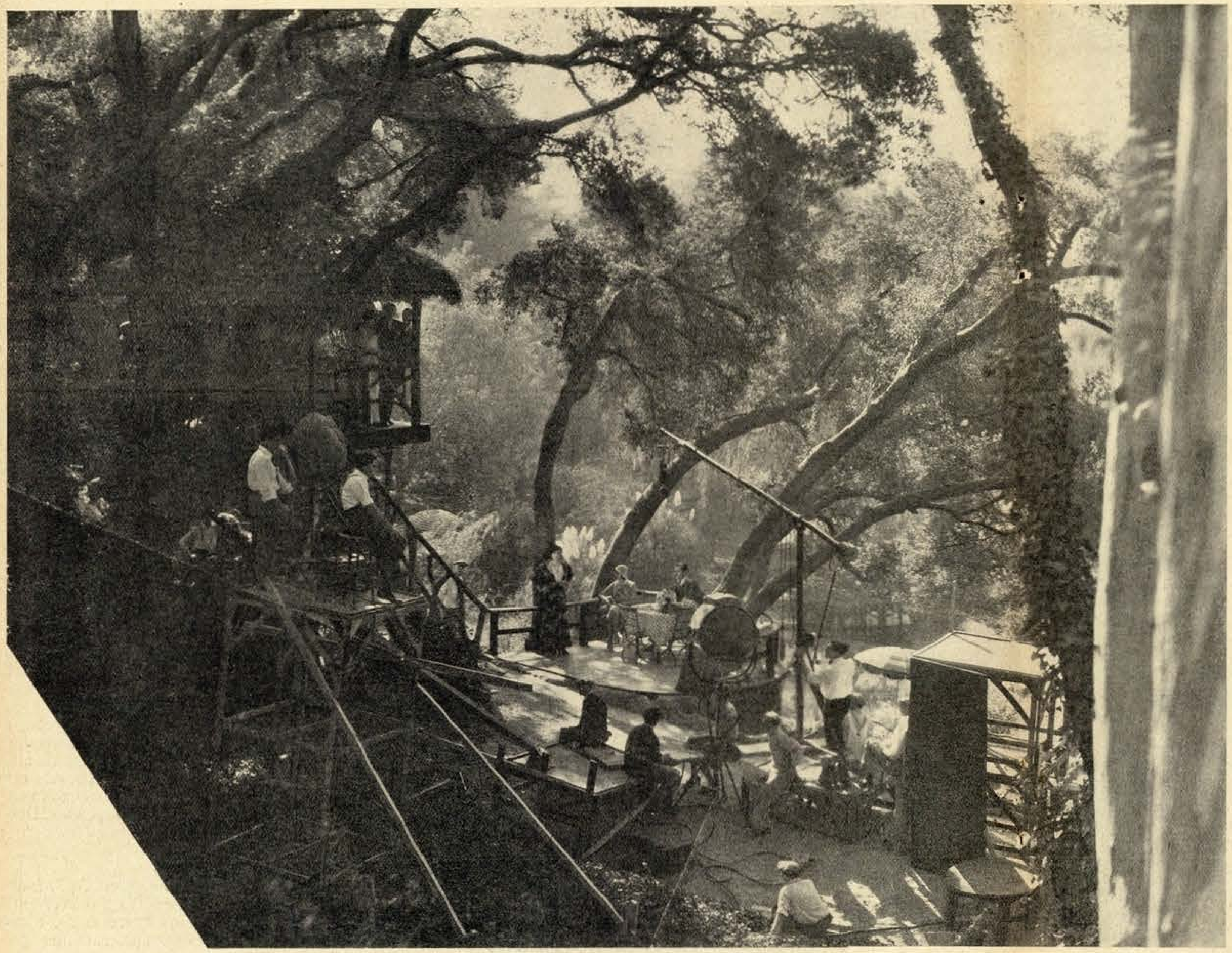
* * *

Já tinhamos visto Ana Maria no palco do S. Luiz, no momento ainda duvidoso em que essa interessante rapariga devia ser examinada pelos interessados. Pareceu-nos distinta, bonita e educada. Disseram-nos que pertencia a uma boa familia portuguesa e que estava disposta a romper corajosamente a conhecida barreira de preconceitos, para fazer cinema. Achamos louvável a sua audácia e ficamos esperando que o seu exemplo frutifique com o tempo.

Foi confiado a Ana Maria o mais importante dos dois primeiros papeis femininos. Vai personificar a romântica rapariga portuguesa, a virgem sonhadora que espera a chegada improvável dum adorável príncipe. Supomos que, para fazer horas enquanto não vem o príncipe, já não é para desprezar o acontecimento raro na vida duma portuguesa de ter sido vedeta do primeiro fonofilme da C. P. F. S.

P. G.

EXTERIORES



...nte tomada de exteriores, durante a execução dum filme de Clarence Brown, em que figuram Greta Garbo e Robert Montgomery

...inema deve ser,
... movimento e
...la acção. Mas
...m fechar-se
...rcê de de-
...ue cons-
...iardins,
... ou o
...duas

...-

sempre sob a ameaça de mirones e parasitas importunos; ora se queixam do preço exorbitante das deslocações e da vida enervante dos hoteis; ora, com mais torpeza, dizem não se contentarem com a obra insuplantável de Deus, acusando-a de prejudicar ou não corresponder à «atmosfera» sonhada para os seus filmes.

Longe de nós a ideia de condenar o estúdio, verdadeira oficina do cinema, laboratório legítimo dos modernos alquimistas da luz. Mas cumpre atribuír-se-lhe as funções que realmente tem, reduzindo-o a elas, sem sujeitar o resto ao seu domínio.

Um dos mais graves êrros iniciais do fonocinema foi precisamente essa fobia dos exteriores, resultante de injustificados receios de imperfeição técnica no capítulo som. Ao novíssimo tirano — o microfone — sacrificaram-se quilómetros de película virgem (as virgens sempre foram matéria própria para sacrifícios...), asfixiando as imagens, ansiosas da antiga e muda liberdade. E acontecia êste fenómeno edificante: o público dos cinemas acolhia com entusiasmo evidente os poucos metros de «actualidades» que lhe serviam em cada programa, a-pesar-da deformação cavernosa ou fanhosa dos sons e da monotonia da sempiterna corrida de cav...s, da inevitável partida para um raid aério, da fidelíssima visita inaugural a certa exposição.

E' que os operadores das *movietone news*, pouco imaginosos mas senhores do verdadeiro segrêdo do cinema, colhiam corajosamente imagens desafogadas, resplandecentes, irrequietas, onde o vento era o vento e o sol era o sol. O cinema não é apenas, como diz Duhamel, uma arte de segunda ordem, pois nem sempre é imitação de outras imitações. Quando surpreende as coisas naturais — e só êle pode fazê-lo com naturalidade — nem sequer as imita: apresenta-se segundo o seu critério mecânico, transpostas, interpretadas, mas mais semelhantes, no ritmo e na forma, aos seus modelos reais, que apresentadas por qualquer outra arte.

E' sempre possível descobrir os locais próprios para a criação da «atmosfera» necessária a cada filme. Não se entenda a constatação dessa possibilidade como sinal de aspiração a fazer de cada filme uma obra de verdade. Somos pela imaginação, e consideramos a fantazia como o terreno mais próprio do cinema. Mas lembramo-nos de obras particularmente representativas e fantásticas, como «A Morte cansada» de Fritz Lang, em que o aproveitamento habilíssimo dos exteriores deu uma impressionante irrealidade. Nos filmes mais notáveis de Charlie Chaplin — «Charlot ao sol», «O Peregrino», «A Quimera do Oiro» — não faltam exteriores. Os mestres americanos — Vidor, Hawks, Clarence Brown, Cruze, John Ford, Mervin Le Roy, Roy del Ruth, Van Dyke, Badger, Flaherty, Cooper e Shoedsack, etc. — têm a devoção do ar-livre e da luz natural. «Aleluia», «O Vingador», «A Patrulha da Alvorada», «A Vertigem do Oiro», «A Fragata Invicta», «Três patifes», «O Homem do Metropolitano», «Uma Rapariga em cada porto», «Dolores», a série de Tim Mac Coy, «Vencendo pela Brandura», «Caçadores de Imagens», «Nanuk», «Moana», «Chang», «Rango», etc. — são verdadeiros monumentos erguidos à glória do cinema de exteriores. Na Europa são mais refractários ao abandono do estúdio. Só os russos se mantiveram fieis à natureza, — e por isso nos deram obras como «Potiemkine», «A Mãi», «Outubro», «A Revolução de Dezembro», «O Cêrco de Paris» e «A Linha Geral». Franceses e alemãis — recalcitram. Mas os melhores trechos de Joe May, de Pommer, de Hans Schwarz, de Ucicky, de Feyder, do próprio René Clair, que armou em flôr de estufa («Paris que dorme», «Nas Garras do Vento», «Um Chapéu de Palha de Itália») — foram tomados *au grand air*.

Temos dito mil vezes que a conquista dos sons não alterou a essência do cinema. Prevalecem as leis de espectáculo visual, que o microfone se limita a enriquecer prodigiosamente. Quando elas se respeitam, chega a ser possível transformar uma opereta inepta como «Não quero saber quem és» em excelente espectáculo de cinema, que nos obriga a reter o nome arrevezado de Géza von Bolvary.

Antonio Barbero, crítico espanhol, diz que o cinema «começou a viver ao ar livre, com os *cowboys* do Oeste»... Foi realmente assim. As tão incompreendidas «fitas de cavalinhos» — que sempre tiveram em nós, tal como as fitas em séries, acérrimo e convencido defensor — são os verdadeiros «clássicos» do ecran. E se alguma coisa aspiramos dar um dia a um filme que possamos assinar pela mesma razão porque assinamos êste artigo, é exactamente o movimento, a beleza, a emoção, a riqueza exterior das *westerns* de outros tempos.

Barbero só não tem razão quando profetiza a seguir que êsse mesmo cinema — o autêntico — «morrerá com o último *gangster*, afogado num botequim de Chicago, quando comece a humedecer-se a lei sêca». A proïbição criminosa de Volstead já desapareceu da constituïção americana. Mas ainda há o ar, o sol, as árvores, os montes, o mar, os rios, cavalos, raparigas bonitas e homens fortes; e enquanto houver o ar, o sol e tudo o mais, o cinema — não morrerá.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Malcoem Saint-Clair dirigindo Joan Crawford e John Mack Brown numa cêna exterior de «O coração manda» (Montana Moon), sob o olhar complecente de Douglas Fairbanks Junior, que então ainda era casado com Joan

O NOSSO FORMIDÁVEL CONCURSO

Nenhum leitor de "Animatógrafo" deve perder a oportunidade única que lhe oferecemos de visitar Berlim e Neubabelsberg

O nosso concurso tem feito sensação. Tôda a gente nos fala nêle, todos nos preguntam pormenores, interessadíssimos. Vêem vêr conôsco os olhos iluminados de esperança, com uma vontade imensa de nos pedirem para que façamos com que o prémio lhes caia em sorte. Sente-se que estão em transe de ansidade: caber-me-à a admirável viajem a Berlim? Serei eu o felizardo?

E perpassa-lhes no semblante um enorme anseio de vencerem o azar. Se o apanhassem a geito davam-lhe uma tareia, reduziam-no a cinza, esperando assim conquistar as bôas graças da sorte, essa senhora distante e difícil, que o azar defende com fúria zelosa.

Temos notado que muita gente, «descobriu» só agora Berlim, isto é, só agora *realizou* a existência da grande cidade. Isso explica-se fácilmente. Anteveem agora uma possibilidade de lá ir, de ficarem a conhecê-la pessoalmente. A capital da Alemanha assumiu imediatamente nos seus espíritos uma importância formidável. Não pensam noutra coisa, sabem de cór os nomes das suas mais famosas ruas e praças.

Unten den Linden, a porta de Braudeburgo, Kuffurstendam, são já nomes familiares.

E todos esperam, confiadamente, que ainda êste ano passearão por essas avenidas e por essas praças, os olhos muito abertos para verem muito, para verem o mais que lhes fôr possível, a antegosarem já a volta a Portugal onde virão embasbacar e fazer morder de inveja todos os conhecimentos, com as suas narrações e orgulhosas.

Claro está que se reflecte no «Animatógrafo» todo êste entusiasmo. E é justo que assim seja. E' à nossa revista que devem, por agora, esta deliciosa espectativa, e brevemente alguém a esplendorosa realidade.

As respostas ao nosso apêlo têm sido consideráveis em número e em entusiasmo. Todos querem agora assinar «Animatógrafo». Os leitores compreenderam que só teem vantagens nisso e vão desistindo, á formiga, de esperar a chegada do dia 13 para constatarem, excessivamente tarde, que fizeram asneira em não assinar o nosso jornal.

Três dêsses leitores que nos escrevem querem por fôrça ir a Berlim, mesmo que não ganhem o prémio. Preguntam-nos quanto lhes custaria a viagem e se lhes poderiamos, com a *nossa influência* conseguir prêços mais acessíveis.

Querem ao que parece aproveitar a companhia do cinéfilo feliz que fôr premiado pelo nosso concurso, aproveitando portanto simultâneamente, a companhia preciosa de H. da Costa, generoso ofertador do prémio, que fará tambem as honras da visita a Berlim e conseguirá para o seu premiado uma licença especial para a entrada nos estúdios da U. F. A., em Neubabelsberg.

Estas cartas fizeram-nos lembrar a hipótese de organizar uma excursão a Neubabelsberg, para assinantes de «Animatógrafo» aos preços mais baixos que nos fôsse possível conseguir. Mas, pelo menos por agora não podemos encarar a sério essa ideia porque estamos obsecados com inúmeras preocupações que nos tomam todo o tempo. Mais tarde, voltaremos a pensar nisso se considerarmos que vale rialmente a pena.

Por agora têm os leitores de «Animatógrafo» uma probabilidade única de ir a Berlim, inteiramente de borla, andar por lá durante 6 dias num regabofe constante e regressar a Lisboa tranquilamente, com o papinho cheio e sem o remorso da despeza.

Para isto já vocês sabem que basta assinar «Animatógrafo». Por desasseis escudos (uma quantia ridìculamente insignificante) podem vocês receber «Animatógrafo» á razão de doze tostões cada exemplar, assistem a todas as exibições corporativas da Agencia H. da Costa, no Central Cinema, e ficam, sem trabalho nenhum, habilitados a ganhar algum dos duzentos prémios do nosso concurso cujo sorteio terá lugar já, já, no próximo dia 13 de Junho de 1933, para o qual faltam apenas, como estão vendo, quinze dias. Vamos, depressa, assinem «Animatógrafo».

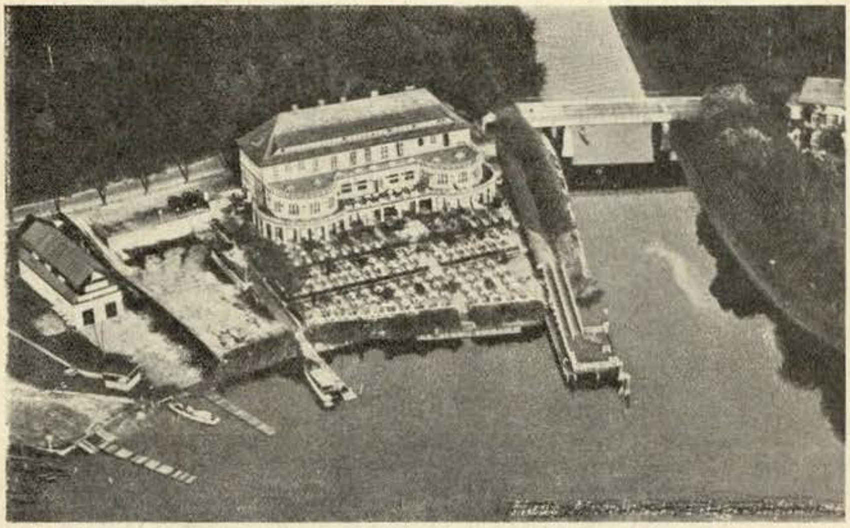
Para se interessarem, para verem que, de facto, não é asneira nenhuma, leiam mais uma vez, a descrição dos prémios:

1.° PRÉMIO: E' como se disse já, UMA VIAGEM A BERLIM com direito a uma hospedagem de 6 dias num hotel de 1.ª ordem, visita aos principais cinemas e monumentos da grande capital alemã, E AOS ESTUDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, a grande cinelândia europeia, prémio gentilmente oferecido pela Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltd.

2.° PRÉMIO: Um receptor rádiofónico «Stewart-Warner» circuito super heterodino modêlo 1933, oferecido pela casa Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, n.° 97.

3.° PRÉMIO: UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros, oferecido pela casa *Amador Fotográfico* de *Roiz Ltd.*, Rua Nova do Almada, 84.

MAIS DUZENTOS PRÉMIOS — Além dêstes três prémios de primeiro plano, haverà mais duzentos prémios de consolação, constituídos por máquinas fotográficas, produtos de beleza da *Fábrica Nally*, etc.



No feérico pavilhão junto da ponte Alsenbrück, nos arredores maravilhosos de Berlim, há de almoçar um dos leitores de «Animatógrafo»

GUERRA EUROPEIA

A FRANÇA novamente contra a ALEMANHA





Simone Simon contra Renate Müller

Estamos apoquentados por causa dos sarilhos que tem havido na Alemanha.

Os nossos respeitáveis interêsses de cinéfilos puros vão ser fatalmente prejudicados com essas questões de política, distantes e inúteis. Com o ambiente exageradamente racista que se desenvolveu na Alemanha, é de prever que os acólitos fanáticos de Hitler levem o Führer a decretar qualquer coisa no sentido de

(Continua na página 16)

A distracção genial de

G. W. PABST

Pela segunda vez Pabst cedeu ao suave impulso. Abriu as *asas que um anjo lhe deu* e deixou-se levar, para além das coisas que se avistam da Terra, ao paraiso agri-dôce da poesia. Pabst, o artista que tem a sensibilidade mais prêsa á vida, de vez em quando esquece-se de que é uma pessoa dêste mundo, distrai-se e corta sonâmbulamente as suas fortes amarras. E parte, desde a primeira volta de manivela, como um navio que parte á descoberta. No fim, quando regressa, conta-nos a sua viagem conhecida, com palavras tão diferentes que nós ficamos convencidos de que êle descobriu rialmente caminhos misteriosos e continentes ignorados. Pabst, que já nos tinha deslumbrado com a sua enlouquecida e velada narrativa da «Atlântida», atraíu-nos mais uma vez com «D. Quixote» ao dédalo maravilhoso da sua mentira, ou, se quiserem, da sua lógica poética. Pabst não alterou o ritmo de D. Quixote como não tinha alterado o da Atlântida. Limitou-se apenas a modificar o programa para tirar dêle o máximo efeito.

* * *

D. Quixote, personificado na obra de Pabst pela figura espantosa de Fedor Chaliapine, consegue manter a sua ilusão de tal maneira alheia à indiferença e à troça das pessoas normais que o rodeiam, que mesmo os espectadores vulgares acabam fatalmente por indignar-se com a embezerrada incompreensão dos outros pela espiritualidade magnífica daquele velho sonhador. E todos vão com êle. Todos se dispõem a acompanhar sem reservas o aceleramento fantasista do fidalgo tonto D. Quixote, o doido sublime que implora ao Amadis de feira que lhe conceda a altissima graça de armá-lo cavaleiro em paga do seu auxílio na luta contra o gigante. D. Quixote, aquela pessoa que nós conhecemos de vêr passar na rua com o fato coçado, que vive talvez em nossa casa e de quem a alma vagabunda fez vibrar com certeza algum gesto insensato da vossa vida.

Ninguém pode dizer que Pabst tenha alterado o sentido directo do livro de Cervantes. Lá está em todas as imagens a grandeza amarga e incompreendida do Cavaleiro da Triste Figura. Ah! Cavaleiro da figura lamentável! como eu gostaria de abraçar-te com fôrça de encontro ao meu peito amigo! como tu me enterneces até ás lagrimas, Chaliapine-Quixote!!... Como as pessoas de razão ponderada são, afinal, umas bestas inqualificáveis porque não percebem nada das tuas intenções sublimes! O teu sonho é tão justo, estás tão certo no teu papel, que nós achamos absolutamente razoável que a pobre vaqueira a quem chamas Dulcineia seja uma princêsa e o estábulo onde ela mora, um castelo de pórfiro. Palavra de honra que é de pórfiro...

Quando vejo Chaliapine (já vi três vezes o filme) montado no seu cavalo infecto, afirmar, com a mão estendida sôbre os olhos para evitar o sol, que se aproxima um exército de gigantes, acho muito certa a afirmação.

Vocês naturalmente também supõem como o material Sancho Pansa que se trata dum simples e pacifico rebanho de carneiros. Pobres criaturas de razão clara e de olhos abertos que vós sois! — aquele turbilhão de poeira, reparem, esconde efectivamente um exército de gigantes. São terríveis e maus aqueles gigantes D. Quixote é um homem generoso que percorre o mundo para defender a humanidade. Qualquer hesitação é uma cobardia. Avante pois, á carga sobre os pérfidos gigantes. E D. Quixote avança, a galope no seu cavalo espectral, e corajosamente, violentamente, desbarata o exército. Depois, concorda com o Sancho Pansa. Eram carneiros. Mas apesar de tudo, quem tinha razão ao princípio, era e é, D. Quixote, o Cavaleiro da Tristíssima e Divina Figura.

Eram gigantes.

Pabst não se importou nada com o aspecto atlético de Chaliapine. Ele precisava apenas dum homem que fôsse capaz de nos dar uma ideia exterior da alma de D. Quixote. A magreza clássica do heroi inútil não foi respeitada e ninguém se ofendeu com isso. Pabst é um realizador brutal e sincero. Pensou em realisar D. Quixote aceitou Chaliapine como sendo a única pessôa capaz de acompanhar o seu pensamento. Conseguiu-o seguramente.

O D. Quixote que morre assistindo à queima dos seus livros é a maior lição de tristeza que me têm dado até hoje. Ele morre sem se queixar de ninguém, receando apenas vagamente que as outros tenham razão para se queixar dêle. O seu olhar morto ilumina-se ainda ao fôgo vivo da fogueira inconsciente e o pobre homem abandona a sua vida falhada, cheio de pena por não possuir a ilha prometida a Sancho.

OLAVO



O riso claro e contagioso de Pabst





Em cima — Pabst e o operador de «D. Quixote», Nicolas Farkas, que dirigiu a espantosa cêna dos moinhos e quási todos os exteriores. — A' direita — Pabst e Jean de Limur, que lembrou Chaliapine para interpretar o Cavaleiro da Triste Figura

CRITICA

D. Quixote

(D. Quichotte) de PABST

Pabst tem-se visto ùltimamente na necessidade de dirigir filmes «comerciais», para ganhar a vida.

Há já bastante tempo que teve de pôr de lado os seus assuntos preferidos. E entretanto, os dirigentes da *Nero* têm-no encarregado de executar duas transposições de dois livros diferentemente célebres: a *Atlântida* e o *D. Quixote*.

Pabst não tem mais remédio e anda para a frente, mas vê-se mesmo que *à contre-coeur*, tanto



mais que se sente peado. Só lhe deixam manobrar à vontade o seu imenso sentido cinematográfico. De modo que os seus dois últimos filmes valem na sua obra só como documentos da sua enorme visão cinematográfica, mas nunca como valores absolutos da sua mentalidade.

E deixem-nos dizer-lhes que ainda bem. A interpretação *pabstiana* do *D. Quixote* devia ser uma coisa impossivel. Certamente que teriamos o Cavaleiro da Triste Figura armado em paladino do seu não-conformismo e do seu humanitarismo revolucionário — o que seria desastroso. Então antes êste *D. Quixote*, deformado sòmente pela preocupação comercial.

Não vejam, de resto, no que escrevemos acima menosprêso por Pabst, pelas suas intenções ou pelos seus filmes comerciais. Bem ia ao cinema se todos os filmes fôssem como a *Atlântida* ou o *D. Quixote*, para já não falar no *Quatro de Infantaria*, ou na *Tragèdia da Mina!*

O *D. Quixote* resultou duma colaboração franco-germano-russa. Como não podia dixar de ser o «espanholismo» da obra ressente-se. comparsaria falta-lhe exuberância, verdade, espontaneidade; os trajos têm um aspecto demasiado novo; os vários tipos secundários foram insuficientemente marcados, carecem de realidade, Emfim não se tem nunca a ilusão daquêle vasto mundo de Cervantes, turbulento, múltiplo e torrencialmente verdadeiro—autêntico retrato duma raça.

Mas é um facto que o espirito da obra foi respeitado, em especial quanto às figuras principais. O D. Quixote de Pabst é o D. Quixote de Cervantes. Mas na obra de Cervantes há mais alguma coisa do que no filme de Pabst.

O *scénario* do filme foi trabalhado por Paul Morand e Alexandre Arnoux. Em nosso entender bastava que tivessem ordenado e ligado cinematogràficamente os episódios mais célebres da obra. Mas dignaram-se colaborar com Cervantes, e isso era desnecessário . . .

A execução cinematográfica é primorosa. Pabst soube compôr lindas imagens, encadeadas magistralmente e ritmadas com a maior inteligêucia. Soube aproveitar a voz estupenda de Chaliapine para exprimir a exaltação do heroi, fazendo assim que o seu canto nunca nos chocasse. Soube tirar dos seus intèrpretes aquilo que era preciso que tirasse: de Chaliapine muita emoção e espiritualidade e de Dorville um cómico plebeu, impetuoso e natural.

Chaliapine muito bem. O seu D. Quixote é uma interpretação que fica, apesar da influência do palco que a espaços se constata. O seu D. Quixote tem «fôgo interior», visionarismo, grandeza. Para isso bastante contribuiu Pabst, com o respeito com que tratou a figura.

Merecem referência elogiosa a partitura de Jacques Ibert, inspirada e inteligente, a fotografia *hors-pair* de Farkas e Portier e os desenhos e sombras de Lõtte Reininger.

Pabst serviu-se ainda nêste filme do seu processo de contrastes para obter novos efeitos e exteriorizar intenções. Algumas cênas são notabilissimas, sob todos os pontos de vista.

Entre elas devem destacar-se o episódio dos moinhos e o renascimento do *D. Quixote* de Cervantes das cinzas dos livros de cavalaria — lugar-comum literário transfigurado pela fotogenia e uma das coisas mais lindas que nos tem sido dado ver em animatógrafo.

Triste vida a do soldado

de GEORG JACOBY

Nunca é bom um filme oscilar entre dois géneros, excepto em casos muito especiais. A indeterminação do género prejudica geralmente um filme. É o que se dá com êste, que tão depressa é comedia como farsa. E diga-se em abôno da verdade, nunca é bôa comédia nem nunca é bôa farsa.

O embróglio, chave do filme, era bem achado e podia dar para coisas famosas. Mas não deu. Algumas cênas são engraçadas, mas a seqüencia é fraca.

O que dizemos não é uma negação absoluta do valor do filme. Valor comercial possui-o e bastante. Então se fôsse falado em português era filme para ter um belo êxito.

Do seu valor artistico é que ficamos fazendo uma ideia pobre. Não tiveram imaginação suficiente para tratar o assunto, que não era dos piores.

Gags novos, originais, só um: a irrupção da égua no meio dos exercicios, em passo suspenso, montada pelo deus «Marte».

Fritz Schulz mostra que tem recursos. Deve vir a notabilizar-se. Num pequeno papel Camila Spira, que veremos no *Testamento do Dr. Mabuse*. Os outras bem, e entre êles alguns artistas de valor, como Ida Wüst, Paul Otto, Hans A. von Schletow.



Salvemos as mulheres!

(Save the ladies) de JAMES W. HORNE

Pegaram em três farsas de Laurel e Hardy, juntaram-nas pelas pontas e fizeram assim um filme de fundo. O facto de nas três haver uma mulher que êles pretendem salvar, justifica o título. Como as farsas são engraçadissimas, tudo isto está certo, embora fôsse preferivel que houvesse unidade de acção.

Não se pode afirmar qual seja a melhor das três. São todas excelentes. Do principio ao fim só não se ri quem não o souber fazer. Porque



não há desgôsto, contrariedade ou neurastenia que resista.

Apontar-vos êste ou aquêle *gag*, é dificil, porque não sabemos por onde começar e, se começassemos, nunca mais acabávamos. Destacamos um pelo seu caracter *marxiano*, inédito nêstes dois cómicos: Laurel está dentro duma banheira cheia de água e acabou de ganhar mil dólares, por culpa de Hardy, que não os ganhou êle próprio por querer armar em esperto. Então para se vingar puxa a válvula da banheira. A água escôa-se para o cano e o Stan também!

Laurel e Hardy desempenham as três farsas maravilhosamente. Algumas cenas são espanto-

(Conclui na página 16)

Actualidades

Esta semana só a Agencia H. da Costa *apresentou «actualidades». Fez exibir a sua* Revista Mundial n.o 29 *e dois* Noticiários Sonoros U. F. A., *o 21 e o 23. Foram três excelentes «actualidades», principalmente o último, que era o que tinha mais actualidade: mostrava-nos acontecimentos dêste mês.*

Quere dizer, esta semana tivemos uma pequena amostra do que são «actualidades».

Os três jornais exibidos são de origem alemã, por isso não é de extranhar que focassem com tanta insistência vários aspectos significativos da revolução alemã. Vimos Hitler discursar no Sportpalast, antes de chanceler; vimos a abertura do Reichstag em Postdam, a 21 de Março; vimos uma festa da policia berlinense, tambem no Sportpalast, presidida por Goehring e Von Papen; e vimos alguns aspectos da Festa Nacional do Trabalho (1 de Maio) em Berlim: uma sessão em Lustgarten, o comicio monstro de Tempelhoff.

Ora aqui estão umas «actualidades» elucidativas...

Vários outros acontecimentos, focados tambem nêstes jornais, tinham muito interêsse. E no último dos apontados, incluiram muito bem uma «actualidade» nacional: a chegada de Max Nosseck.

Foi notável a maneira porque trabalharam os operadores da U. F. A.

Esplêndida fotografia, som muito nitido e, principalmente, ótimos enquadramentos. São modelares a sessão no Sportpalast, a que nos referimos acima, e a disputa da Taça Mussolini no Concurso Hípico de Roma. Os cavalos entravam na pista e a objectiva seguiu ininterruptamente todo o percurso.

Esta semana, portanto, pomos ponto ao nosso resmungar. Não temos a veleidade de supôr que seja um ponto final . . . mas quem dera!

Desenhos animados

MICKEY PESQUISADOR — The Klondike Hid, de Walt Disney — Não se pode fazer melhor. The Klondike Hid *é um desenho animado modêlo. Imaginação a rôdos e uma execução magistral. Disney procura as dificuldades e resolve-as como ninguém. A cena dos tiros, iluminada só pelos clarões, é formidável. E a das molas é simplesmente prodigiosa.*

O REI DAS TRAQUITANAS — Phoney Express — *de Ub Iwerks — Um bom desenho animado mas que, está claro, não se pode comparar ao de Disney. No entanto é um dos bons trabalhos de Iwerks.*

Documentários portugueses

Juramento de Bandeira da Polícia — da Ulyssea Filme — Operador J. Nunes das Neves — A parada da polícia no Terreiro do Paço, bem fotografada, com limpeza. Alguns planos demasiado longos.

Estoril — *da Ulyssea Filme — Operador Adolfo Quaresma — Um documentário cuidado e feito com bom critério. Planos bonitos e outros estragadas pela medíocre fotografia.*

Festa num Regimento de Lisboa — *Operador Adolfo Quaresma — Vergonhoso «100 metros». A fotografia abaixo de toda a crítica. Alguns planos montados de pernas para o ar. O filme anteriormente citado, do mesmo operador, está muitos furos acima dêste. Como o julgamos posterior, é de crêr que o sr. Quaresma está a melhorar de forma. Ainda bem.*

Farsas

A Grande Corrida de Hollywood — *The Hollywood Handicap — da Universal — Realização de Charles Lamont — Curiosa farsa em que aparecem muitos actores conhecidos. Certos recursos da técnica utilizados com felicidade. As primeiras cenas, de critica ao público dos cinemas, felicissimas.*

Luvas de Box — Boxing Gloves — *com a Pandilha — Engraçada e feita com um certo cuidado. O combate de* box *não está mal.*

Culturais

Espadartes e Tubarões — *Documentário cheio de interêsse da pesca a êstes dois «piratas do mar». Linda fotografia. E umas legendas patètinhas, de humorismo duvidoso, a estragarem a projecção.*

Parada atlética — *Inteligente comparação entre os* sports *actuais e os do* avant-guerre. *O pitoresco de então e a técnica moderna. Um excelente complemento.*

Outros filmes

Moeda falsa — *Realização de Heuberger — Um pequeno filme sem pretensões, engraçado e curioso por vezes.*

D. M.



TEMOS RECEBIDO OS MAIS SIMPATICOS ELOGIOS AO NOSSO SERVIÇO DE CONSULTAS CINEFILAS E DE «POSTA RESTANTE». TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE*, : : *R. DO ALECRIM, 65-LISBOA* :

Correio dos Cinéfilos

DR. HENRY PERRY—*Ponta Delgada* — O prazer creia, caro colega, foi todo meu . . . — Sinto muito o ter de dizer-lhe que a sua *queridinha* está desde há uns três anos afastada do cinema. Audrey Ferris era na verda le uma pequena encantadora; gabo-lhe por isso, o gosto. E' americana, e tem hoje 28 anos, pois nasceu a 15 de Março de 1905 — *Sligtly Used*, *Beware of Married Men* e *The Glad Rag Doll* são alguns dos seus filmes. Esteve muito tempo sob contrato da Warner Bros. — Se tem muito interesse pode escrever para os estúdios desta empresa pedindo-lhe um retrato: First-Warner Studios, Burbank, Calif.—And Iam allways at Iour orders, my dear doctor.

WEISSULLER II—*Lisboa*—Kathe von Nagy é na verdade uma rapariga encantadôra e uma artista de sensibilidade — Entre os seus filmes contam-se *Loucura de Monte Carlo*, *Ronny*, *Um homem Feliz*, *Amorosa Aventura*, e *Eu de dia e tu de noite*. — Sim, todos êles foram apresentados em Portugal pela Agencia H. da Costa.

TOM — Entre 5 e dez acções, se não estou em êrro — Essa sugestão que faz está sendo estudada desde que se começaram a publicar; esperamos em breve dar-lhe satisfação. — Era Jean Harlow. — E não pense que nos importuna com as suas perguntas; são exactamente essas as minhas funções dentro de «Animatógrafo». Por isso escreva sem receio.

UM CINÉFILO CONQUISTADOR — *Lisboa* — Você exagera e dá provas duma falta de paciência que não parece dum rapaz da sua idade. Dê tempo ao tempo e tenha confiança, que é afinal a coisa mais bonita que se pode possuir. — Florelle apareceu em *Traição*, *Atlantida*, *Maré de Sorte*, e *O Filho Improvisado*. — André Roanne vimo-lo no fonocinema em *Cruzeiro do amor*, *Acusado*, *Levante-se*, e *Glória*. — Por sua vez de Anny Ondra exhibiram-se entre nós os seguintes fonofilmes: *Mam'zelle Nitouche*, *Anny-faz-tudo*; *Anny e os Carteiros*, *Anny no Music-Hall*, *Anny Kiki*, *Anny na Escola*, *Anny na Alta Roda*, *Anny no Circo*, *A Menina do Harmónio* e *A Filha do Regimento* — E tenha calma, Gégé!

JOSE GUIMARÃES — *Braga* — Sensibilizou-nos a sua oferta, que não podemos desde já aceitar visto não possuirmos ainda esse serviço. No entanto, na primeira altura nos lembraremos de si — Agradecemos desde já toda a sua acção para com «Animatógrafo».

CINEFILO SOLITARIO — *Frankenstein* é, no seu género, um filme deveras interessante. Não nos custa a crer por isso que dele tivesse gostado. — Na Posta Restante vêm o que pediu. — Volte a escrever-me quando quizer.

ROQUE DE ALMEIDA — *Benavente* — Tom Mix, foi sem dúvida um dos mais populares *cow-boys* do cinema. — Tom, como aliás noticiámos, deixou definitivamente o cinema para se dedicar ao circo. No entanto, se é só para ter dele um retrato, escreva fazendo esse pedido para os Universal Studios, Universal City, Hollywood Calif; estou certo que mandam. — Se tiver oportunidade não deixe de ver *O Cow boy e o Rei* que é um magnifico filme do seu amigo Tom Mix.

CINEMA — *Lisboa* — Dou-lhe os meus parabens pois ganhou a aposta. Tratava-se, como aliás era fácil de adivinhar, de Anny Ondra. — Sempre que tiver qualquer dúvida faça como agora — escreva-me e pergunte.

GOOD BYE — Transmitimos a Leitão de Barros par a Madrid, onde se encontra actualmente, o seu abraço e os cumprimentos pelo artigo «Monólogo às escuras», que tanto lhe agradou. Publico noutro lugar o seu pedido.

SALOMÃO SILVA — Escreva a Brigitte Helm para o seguinte endereco: U. F. A.: Krausenstrasse. 38-39, Berlim W. 19. — No seu lugar respectivo, publico o que me pede. — Sempre às ordens.

FIGUEIRINHA ENGRAÇADA—*Lisboa* — Lamento muito, simpatica leitôra, o não lhe poder dar o endereço actual, e certo, de Ramon Novarro. Ele anda dum lado para o outro, de forma que isso é de todo impossível. No entanto se deseja dêle apênas um retrato, escreva, pedindo-o para os Metro Goldwin Mayer Stúdios, Culver City, Calif. —Não creio que esteja no seu itenerário um passeio até ao nosso país...

LE PRINCE CHARMANT — *Lisboa* — Um artigo desses já perdeu, a bem dizer, a oportunidade. Por isso, ainda que tivesse muita coisa para contar, como de facto tem, não creio que o faça. — «O Rei dos Reis» foi apresentado em Lisboa, pela primeira vez, em Março de 1928. — Na Posta Restante virá o que lhe interessa.

UM NEURA EXCENTRICO — *Lisboa* — Se as suas excentricidades se limitarem a querer saber coisas de Marie Glory, vamos lá com Dens que não são de todo fóra do normal . . . A sua Marie — cautela com os ciumes de Marcel Vandal, que é um homem alentado! — reside em Paris, no 37 da rue Pergolèse. Escreva-lhe para lá, pois estou certo que não se fará rogado para lhe mandar o retrato. No entanto não deixava de ser conveniente mandar-lhe juntamente quaisquer cinco francos em sêlos, para as inevitáveis despezas de correio — Arquivei, como me pediu, a sua direcção. — Quando estiver disposto a trocar correspondência com leitôras de «Animatógrafo» avise, para publicarmos esse seu pedido.

GUSTAV — *Foz do Douro* — Para a seleccionada da Tobis, Ivone Fernandes escreva-lhe para o seguinte endereço: Avenida da Liberdade 141-1.º, séde daquela companhia.

ANTONIO FIGUEIREDO — *Coimbra* — Sensibilisados pelos seus elogios. — Quanto a essa secção não pensamos criá-la por não acharmos por ela o interêsse que o amigo nos diz. Há-de concordar que é um pouco deslocada, quando há assuntos que melhor merecem o espaço que aquela deveria ocupar. — Escreva sempre que lhe aprouver.

LAUREL E HARDY II — Afinal o amigo é o Laurel II, ou o Oliver Hardy II? Os dois ao mesmo tempo é que não vemos como isso possa ser. Enfim, o amigo lá sabe o que faz e o que escreve . . . — Jean Harlow manda certamente, fotografia. Para isso basta pedir-lha para os Metro Goldwin Mayer Stúdios, Culver City, Calif. Não sabe português. Tem portanto de lhe escrever em inglês.

DR. OX — Pelo tipo da tua máquina de escrever dir-se hia que a carta que me escrevestes pertencia a *Henri Garat Disfarçado*. E's amigo dêle, para escreverem ambos na mesma máquina? Verdade seja que tú dás-me uma morada diferente. Confesso, porém, que não percebo o caso lá muito bem, com o que aliás nada tenho, não é verdade? — Anita Page, que saiu há pouco da Metro, pertence agora á Columbia Pictures Stúdios, 1438 Gower Street, Hollywood, Calif. — Acabou de interpretar para este empreza o filme *Soldiers of the Storm* (Soldados da Tempestade).

VENUS DA COSTA DO SOL — Lisboa. Ha-de continuar a permitir que insista no que lhe disse a seu respeito. Tenha paciência mas não me contrarie, pois que eu tenho a certeza que é assim, tal qual escrevi . . . — Ora essa, porque é que os portuguêses não hão-de ter condições para fazer cinema? E' uma pura questão de deligencia e de selecção. Nessa competição com o estrangeiro é que sinceramente não creio. — Aprovo, e agradeço-lhe a sua resolução de abandonar a leitura desses dois jornais . . . Só demonstra com isso ser uma rapariga inteligente. Como deve ter visto os meus leitores mostram-se interessantissimos pela sua pessoa. São cartas e mais cartas. Pode ficar absolutamente tranquila que não divulgarei nem o seu nome nem a sua morada; é segredo profissional . . . — E aqui estou sempre á sua disposição, simpática e gentil C. H. — Até breve, pois.

JOSÉ DA SILVEIRA E CUNHA — *Bragança* — Não pense nisso—*Não quero saber quem és* e uma explendida comédia em que Liane Haid, Gustav Froelich e o engraçadissimo Szoke Szakall têem uma magnifica interpretação. — Nancy Carroll tem 27 anos e nasceu em Manhattan, um dos suburbios de New-York. Apareceu pela primeira vez como corista numa opereta que se exibia num teatro de Broadway. Para nós o seu melhor trabalho foi em *Segue o teu coração* um filme verdadeiramente interessante e dedicado. — E' descendente de irlandezes. Tem 1,m62, cabelo ruivo e olhos azues. — O seu mais recente filme intitula-se *I love that man* (Amo aquele rapaz) que acabou de interpretar para a Paramouut, empreza a que pertence. Para lhe escrever enderece a sua carta aos Paramount Stúdios, 5451 Marathon Street, Hollywood, Calif. Ao seu dispôr, para o que, sobre cinema, lhe interessar saber.

JOSÉ FIALHO — *Faro* — Envie para a administração a importancia referente ao periodo por que lhe interessa assinar. A revista segue imediatamente, com o respectivo cartão de assinante.

MAIS LINDO QUE RAMON NOVARRO — *Lisboa* — Mas que beleza de homem! Tenha cuidado, muito cuidado, que os homens de tudo são capazes... — E' muito simples. O leitor que o desejar envia-nos a sua carta num envelope em branco que nós preencheremos com o devido endereço. *Et ainsi de suite*. Como vê, nada mais fácil — Assinante, amigo de «Animatógrafo» e do dr Celuloide, você é um leitor á altura: — Tem sempre á sua disposição estas colunas.

MARY ROGERS — *Figueira da Foz* — Concordo absolutamente consigo, gentil Mary. Mary Brian é uma das mais simpáticas ingenuas americanas. Chama-se realmente Louise Dantzler. Nasceu em Corsicande no estado do Texas, a 17 de Fevereiro de 1908. Tem cabelo castanho e olhos azues. Está solteira se bem que se volte de novo a dizer em Hollywood que está noiva de Charles Rogers, com quem apareceu em vários filmes. — Estreou-se no cinema no papel de *Wendy* en *Peter Pan*. — Actualmente é uma artista independente, trabalhando para qual quer empreza. Depois de ter feito alguns filmes para a Warner Bros acaba agora de interpretar para a Paramount *Song of The Eagle* (Canção da Aguia) — *Crime da Rua Morgue* é um filme bem curioso; não deixe de o ver quando ai fôr exibido.—E volte a escrever-nos, Mary.

ER. CELULOIDE

Posta Restante

WEISSMULLER II — *de Lisboa* — Deseja corresponder se com leitoras da nossa revista.

TOM — Teria muito prazer em trocar correspondencia, tanto em portuguez, como francez e inglez, com leitoras de «Animatógrafo».

CINEFILO SOLITARIO — *de Lisboa* interessa-se corresponder com leitoras de 17 a 20 anos, sôbre assuntos de cinema, ou outros.

GOOD BYE, — leitor de «Animatógrafo» em Lisboa gostava de travar correspondencia com Mary Light Se esta nossa leitora aceder, escreverá a primeira carta por minha interferência.

SALOMÃO SILVA — *de Lisboa* deseja corresponder-se por intermédio do Dr. Celuloide com leitoras de «Animatógrafo», especialmente com Maria Angélica Santos, de Santarém.

Chiado Terrasse

SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
30 % NAS MATINÉES DE
3.ª FEIRA, 30 ou 6.ª FEIRA,
2 DE JUNHO

Central

SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
4.ª FEIRA, 31 DE MAIO

Palácio

SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
5.ª FEIRA, 1 DE JUNHO

Central

SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
6.ª FEIRA, 2 DE JUNHO

Condes

SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
25 % NA MATINÉE DE
SÁBADO, 3 DE JUNHO

Olympia

SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
SÁBADO, 3 DE JUNHO

São João
(PORTO)

SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
SÁBADO, 3 DE JUNHO

Odéon

SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
DE PLATEIA OU DE BALCÃO EM TODAS AS MATINEES DA SEMANA DE 28 A 4 DE JUNHO *EXCEPTUANDO* A DE QUINTA-FEIRA, 1 E A DE DOMINGO, 4 E PAGANDO APENAS
2$50

Clark Gable

Continuação da página 8

rion Davies, e *Strange Interlude* de novo com Norma Shearer.

Acendeu um cigarro e com um sorriso bem significativo continuou: «Se *Alma Livre* fôra o expoente máximo da carreira de Gable, devo considerar francamente *Polly of the Circus* o seu ponto mais fraco, assim como *Strange Interlude*, que não lhe deu oportunidade para grandes vôos.

«A minha carreira sofreu, assim pois, e com muita razão, um compasso de espera. No primeiro dos filmes interpretava a figura dum padre, papel de que eu nunca consegui compenetrar-me, e em *Strange Interlude* fazia um médico. Em qualquer dêstes dois filmes senti-me totalmente deslocado. Como não podia deixar de ser, essa sensação reflectiu-se nitidamente no meu trabalho.

Entretanto, enquanto eu me via sendo obrigado a abandonar o tipo do personagem que criara, outros estudos moldavam os seus artistas de modo a darem o melhor no «género Clark Gable»...

Eu tenho *Red Dust*, que interpretei com Jean Harlow, como o primeiro filme—reacção da minha carreira. Com êle voltei à minha personalidade. O filme possuía uma esplêndida história, e nêle tinha por companheira uma admirável artista; e assim, pela primeira vez depois e *Virtudes Modernas* eu senti estar em bom terreno.

Posso considerar-me uma pessôa com sorte por ter interpretado um filme como *No Man ou Her Own*, que fiz por cedência da minha pessôa da «Metro» à «Paramount».

Considero o meu trabalho nêste filme como o de maior relêvo de toda a minha carreira. Não deixa por isso de ser curioso o facto de o ter feito numa emprêsa que não é aquela sob cujo contrato me encontro.

Espero que agora a minha carreira não venha a sofrer precalços, como os que já tem no seu activo. Agora que a minha situação parece ter-se regularisado, eu não só aspiro a intepretar uma série de bons filmes com bons elencos — como a não ter de voltar a interpretar personagens estravagantes, ou criar papéis de padre!

«Não sei dizer nada sôbre *Irmã Branca*. No entanto, como já atraz disse, procurei seguir de perto o trabalho de Ronald Colman na primeira versão daquêle filme. Sim, por que isto de ter Ronald Colman por modêlo, em qualquer papel, deve constituír uma honra para qualquer actor! Mas o estúdio tem-o por um esplêndido filme — e Helen Hayes é uma espantosa artista.

«O que fôr se verá», disse Clark Gable sorrindo...

P. S. — Há pouco assisti à exibição privada de *Irmã Branca*. Clark Gable tem no seu personagem uma interpretação admirável. Com mais êste exito na sua carreira queremos crêr piamente que a «queda de Gable» foi coisa que passou e que Clark passará a ocupar de agora em diante e por tempo indeterminado, o lugar de grande vedeta, que de justiça lhe pertence.

NANCY PRIOR

A França novamente con'ra a Alemanha

Continuação da página 13

sufocar para sempre a produção de versões francesas nos estúdios da U. F. A.

Vocês estão a ver a contrariedade que isso representa. Vamos ficar reduzidos aos filmes franceses feitos em França que nem sempre correspondem às ferozes exigências dos cinéfilos portugueses. Só temos uma chance de que isso não aconteça.

Hugenberg um dos mais influentes directores da U. F. A. que também acumula as funções de ministro de Hitler, não deve, apesar da sua fúria racista, com indiferença sofrer o prejuizo financeiro que representa para os seus estúdios a eliminação das versões francesas.

Fora destas questões diplomáticas, a França e a Alemanha equivalem-se fotogènicamente. Há pernas assombrosas de parte a parte. Nesse ponto qualquer ideia racista é idiota. A política das pernas está na ponta dos dêdos. Pernas francesas, pernas alemãs, inglesas ou portuguesas!!!... venham elas donde vierem desde que sejam bem feitas.

Trocar os planos duma fortalesa por um par de pernas inimigas! — Como isso é, afinal, humano e quasi desculpável...

CRITICA

Continuação da página 15

sas e só a êles o devem, como por exemplo aquela em que Laurel pretende assinar o nome no livro dos hóspedes da pensão.

A realização das três farsas, de James W. Horne, é sempre excelente.

Diário duma mulher bonita

(Das Abeutener ein Schönen Fra", de HERMANN KOSTERLITZ

O Diário de uma mulher bonita veio provar-nos que não há razão para desesperar. E' que nós já quási desesperávamos! Tanto filme idiota, tanto filme banal, tanto filme grosseiro! O caso não é para menos! Mas depois de termos visto esta película ficamos mais descansados. Afinal aínda há gente inteligente, aínda há pessôas de gôsto, entre os fabricantes de cinema — áparte os «grandes nomes», evidentemente. Os Hawks, os Pabst, os Vidor, os Clair, os Lang, êssès, estão acima do nosso justificado mau-humor.

E' que o *Diário duma mulher bonita*, dentro da sua categoria de produção média, é um filme excelente, excelente em todos os sentidos, melhor que muitas super-produções cantadas como maravilhas esborrachantes pelas trombetas assalaríadas da publicidade,

O argumento é original, simpático, engraçado. A realisação modelar. absolutamente cinematográfica. O desempenho brilhante. As decorações do melhor gôsto. Emfim, tudo é bom.

Não se trata de um filme esmagador, estupendo, formidável, Trata-se de um ótimo filme, de um filme cuidado como todos deviam ser, perfeito na sua classe mediana. Não pretenderam com êle fazer-nos subir à esfera da poesia, nem levar-nos aos complexos dominios da filosofia. Pretenderam distraír-nos durante um pedaço e souberam fazê-lo com inteligência, por meios limpos, sinceros, despretenciosos mas cuidadosamente preparados.

O tratamento cinematográfico que Hermann Kosterlitz empregou foi sempre seguro, feliz e certo. Os enquadramentos, os ângulos. os *travellings*, o acompanhamento musical, a iluminação, tudo foi utilizado exactamente como devia ser.

O filme está cheio de bom humor, de achados cómicos no *tom* justo. E Lil Dagover e Hans Rehmann interpretam-no à maravilha. Ela com a distinção e a sensibilidade que a figura requería. Ele com a rudeza e o vigor necessários. E ambos com imensa naturalidade.

Domingos Mascarenhas

ANIMATOGRAFO

ANO I — NÚMERO 9

Lisboa, 29 de Maio de 1933

PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO — Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA

Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 — Impressão: - Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa — Gravuras de BERTRAND IRMÃOS

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd. — TELEF. 2 1276 — Públicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO

ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1$20)

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA — Preço 1$50



PHILLIPS HOLMES MUDA DE COMPANHIA

O insinuante e loiro galã de «Um Valente», do «Homem que eu matei» e da «Tragédia Americana», que já conta em Portugal um exército de admiradores, deixou a Paramount, onde iniciou a sua já tão brilhante carreira, trocando-a pela Metro Goldwyn Mayer. Não queremos perder a oportunidade de dar às leitoras solteiras de «Animatógrafo» uma dessas «receitas de sônho» que nós, jornalistas de cinema, passamos e aviamos: Phillips Holmes não é casado, nem viuvo, nem divorciado, nem está noivo de nenhuma estrelinha aliciante. As «phillipsholmófilas» podem, portanto, conservar intactas as esperanças.



NÃO PODIAMOS FUGIR Á BANALIDADE SIMPÁTICA DE PUBLICAR A FOTOGRAFIA MENOS BANAL DA NOSSA COLECÇÃO QUE SERVISSE DE CONVITE Á PRAIA, NO LIMIAR DO ESTIO, AOS NOSSOS LEITORES COM VONTADE (E COM RAZÃO) DE ABANDONAR A INSÍPIDA LISBOA. INFELISMENTE CATHERINE HOYLAND NÃO TOMA BANHO NO ESTORIL...